

Estudo inédito determina que Brasil classifica-se no posto 71  
dos países que mais investem na educação e na saúde

*A classificação da nação em 2016 melhora em relação com a posição 91 alcançada em 1990.*

*Os Estados Unidos desce do posto 6 até 27. Um estudo sobre «capital humano»*

*leva a resultados inesperados em um período de 26 anos.*

SEATTLE. Brasil ocupa o posto 71 entre outros países por seus investimentos na educação e na saúde como medida de compromisso com o crescimento econômico, de acordo com um estudo científico onde, pela primeira vez, os países foram classificados em função do seu nível de capital humano.

A nação situa-se atrás dos Emirados Árabes Unidos (posto 70) e diante da Tailândia (posto 72). Os Estados Unidos classificam-se no 27.º lugar, no entanto que a Colômbia ocupa o posto 89.

«Nossas conclusões mostram uma relação – entre os investimentos na educação e na saúde, e a melhora do capital humano e do PIB– em que os responsáveis políticos ignoram o próprio risco», segundo o Dr. Christopher Murray, diretor do Instituto para a Medição e Avaliação da Saúde (IHME, na sigla em inglês) da Universidade de Washington. « Na medida em que a economia mundial vira mais dependente da tecnologia digital, desde a agricultura até a manufatura e o setor dos serviços, o capital humano torna-se cada vez mais importante para estimular as economias locais e nacionais ».

O presidente do Banco Mundial, Dr. Jim Yong Kim, define o capital humano como « a soma total da saúde, das habilidades, dos conhecimentos, da experiência e dos hábitos de uma população ».

Este conceito reconhece que não todos os trabalhos são iguais e que a qualidade dos trabalhadores pode melhorar ao investir neles.

A classificação 71 do Brasil no 2016 representa uma melhora do posto 91 obtido em 1990. É o resultado de ter 16 anos de capital humano esperado, valorado como a quantidade de anos que uma pessoa pode trabalhar durante o período de produtividade máxima, tomando em conta a expectativa de vida, a saúde funcional, os anos de escolaridade e a educação recebida.

No geral, os residentes brasileiros têm uma expectativa de vida de 41 de 45 anos possíveis entre as idades de 20 a 64 anos, um nível educativo esperado de 12 de 18 anos possíveis de escolaridade, uma pontuação de 73 e uma pontuação de saúde funcional de 78, estes últimos de entre 100. A educação baseia-se na média de classificações obtidas pelos alunos no exames comparáveis internacionalmente. Os componentes medidos para a pontuação de saúde funcional incluem falta de tamanho, emaciação, anemia, deficiências cognitivas, perda da visão e da audição, doenças infecciosas como HIV/Aids, malária e tuberculose.

Kim sustenta que a medição e a classificação dos países, segundo seu capital humano vão permitir estabelecer comparações ao longo do tempo, o que vai proporcionar aos governos e aos investidores ideias sobre investimentos fundamentais para melhorar a saúde e a educação. No ano passado foi pedido ao IHME que levasse a cabo dita medição.

«Medir e classificar os países de acordo com seu nível de capital humano é fundamental para que os governos possam se centrar no investimento da sua população », diz Kim. « Este estudo do IHME é uma contribuição importante à medição do capital humano em diferentes países ao longo do tempo».

O estudo, *Medição do capital humano: Uma análise sistemática de 195 países e territórios, 1990-2016*, foi publicado na revista médica internacional *The Lancet*. Baseia-se na análise sistemática de uma grande quantidade de dados obtidos de numerosas fontes, incluídos os organismos governamentais, escolas e sistemas de saúde.

Segundo o estudo, Finlândia encabeça a lista de classificação. O maior aumento de capital humano entre 1990 e 2016 corresponde a Turquia; países asiáticos como China, Tailândia, Cingapura e Vietnam mostram uma melhora notável; e dentro da América Latina, destaca-se o Brasil. Todos estes países tiveram um crescimento económico mais rápido que outros semelhantes com menos aumento de capital humano durante o mesmo período.

Ainda assim, a Guiné Equatorial foi o país da África Subsaariana com maior crescimento de capital humano. Algumas das melhoras mais rápidas foram apresentadas em países do Oriente Médio, como Arábia Saudita e Kuwait.

Durante os últimos vinte e cinco anos, alguns países que começaram ocupando os primeiros postos mostraram um progresso limitado no desenvolvimento do seu capital humano. Os Estados Unidos estavam no sexto lugar da classificação em 1990, mas descenderam ao 27.º devido, em parte, à escassa melhora do seu sistema educacional, que passou de 13 a 12 anos durante esse período.

Defensores da saúde e da educação, economistas, e demais pessoas afins deveriam utilizar esta informação como prova para advogar por maior atendimento - e mais recursos - ao aumento do capital humano de seus países.

«O baixo investimento na população pode estar sendo provocado pela falta de atendimento político nos níveis de capital humano », diz Murray. « Na atualidade, não existe um relatório regular e comparável sobre capital humano que inclua todos os países. Na próxima geração, um relatório assim – como ferramenta para medir os investimentos na saúde e na educação – farão com que os líderes possam responsabilizar-se perante seus eleitores».

Os pesquisadores determinaram que aquelas nações com maiores melhoras no capital humano também tendem a ter um crescimento mais rápido do PIB per capita. Os países com uma porcentagem mais elevada de melhoras no capital humano entre 1990 e 2016 tiveram um índice de crescimento médio anual do seu PIB de 1,1 % a mais que os países do último quartil. Por exemplo, entre 2015 e 2016, um aumento de 1,1 % do índice de crescimento do PBI equivale, na China, a \$163 adicionais per capita; na Turquia, a \$268; e no Brasil, a \$177.

O estudo está centrado na quantidade de anos produtivos que pode trabalhar uma pessoa de cada país à idade de 20 até 64 anos, levando-se em conta os anos de escolaridade, a educação recebida e a saúde funcional. O cálculo baseia-se na análise sistemática de 2522 inquéritos e censos que aportaram dados relativos aos anos de escolaridade; as classificações obtidas em línguas, matemática e ciências; e os níveis de saúde relacionados com a produtividade econômica.

Entre as conclusões, destaca-se a seguir:

- Encabeçando a lista de 195 países, encontra-se a Finlândia com um nível de capital humano esperado em 2016 de 28 anos, imediatamente seguido por Islândia, Dinamarca e os Países Baixos (cada um com 27 anos); e por Taiwan (26 anos).
- Níger, Sudão do Sul e o Chade classificaram-se nas posições mais baixas no 2016 com 2 anos, seguidos por Burkina Faso e Mali (ambos com 3 anos).
- Em 2016, 44 países superaram os 20 anos de capital humano esperado, entretanto 68 países tiveram menos de 10.
- A classificação dos 10 países mais povoados em 2016, além da China, a Índia e os Estados Unidos, inclui Indonésia (posto 131), o Brasil (posto 71), Paquistão (posto 164), Nigéria (posto 171), Bangladesh (posto 161), Rússia (posto 49) e México (posto 104).

Observam-se diferenças consideráveis no capital humano esperado segundo o sexo em 2016. Em geral, a expectativa de vida entre os 20 e 64 anos é maior nas mulheres que nos homens. Além disso, o nível sanitário tende a ser mais elevado entre as mulheres, a exceção dos países com rendimentos elevados. Quanto à medição geral, naqueles países com menos de 10 anos de capital humano esperado, os índices tendem a ser maiores nos homens, no entanto nos países com mais de 10 anos apresentam um capital humano esperado mais elevado nas mulheres.